

Educação popular com trabalhadoras sexuais: tire seu machismo do caminho que eu vou passar com meu labor

Kelly Cristina do Nascimento¹, Benedito Medrado², Renata Cristina Beltrão de Lima³, Betânia da Mata Ribeiro Gomes⁴

Resumo

Este texto busca compreender a visão das trabalhadoras sexuais acerca dos tipos de violência contra a mulher e do machismo. A aplicação da Mandala dos Saberes, um instrumento da educação popular, facilita a atuação do discente ao implementar a educação em saúde, direitos e cidadania, na escuta terapêutica, consulta de enfermagem, promoção e proteção à saúde. As atividades ocorreram em 2022, por meio de ações de extensão, promovendo, de forma participativa, o aperfeiçoamento do processo metodológico com a participação de acadêmicas de graduação e pós-graduação junto às interlocutoras do estudo. A atividade de Educação Popular em Saúde (EPS), por meio da Mandala dos Saberes, está ancorada nas referências teóricas e filosóficas apreendidas no método pedagógico de Paulo Freire de educação de adultos. Além disso, ela favorece a participação interativa entre as estudantes facilitadoras e as participantes, contribuindo para aprofundar os conhecimentos acerca dos tipos de violência contra a mulher e do machismo. A Mandala dos Saberes proporcionou ao grupo um intercâmbio de saberes, agregando o conhecimento acadêmico e empírico de maneira leve e esclarecedora. Essas atividades também fomentam o interesse pela pesquisa sobre os instrumentos utilizados e permitem um olhar holístico no cuidado dessa população em situação de grande vulnerabilidade.

Palavras-chaves

Mandala. Violência contra a mulher. Enfermagem

¹ Doutoranda em Enfermagem na Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças da Universidade de Pernambuco, Brasil; professora do Programa de Pós-graduação em Saúde Mental da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, Brasil. E-mail: kelymentalwork@gmail.com.

² Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, com período sanduíche na Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha, instituição em que realizou estágio pós-doutoral; professor titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil; coordenador do Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA/CNPq). E-mail: benedito.dantas@ufpe.br.

³ Graduada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças da Universidade de Pernambuco, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa em Estudos e Pesquisas Enfermagem na Promoção à Saúde de Populações Vulneráveis (GEPEV); enfermeira da Vigilância Epidemiológica Hospitalar no Real Hospital Português de Beneficência de Pernambuco, Brasil. E-mail: renatabeltraolima@gmail.com.

⁴ Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil; professora associada e diretora da Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças da Universidade de Pernambuco, Brasil; líder do Grupo de Pesquisa em Estudos e Pesquisas Enfermagem na Promoção à Saúde de Populações Vulneráveis (GEPEV/CNPq). E-mail: betania.mata@upe.br.

Popular education for sex workers: get your sexism out of the way and I'll get through with my work

Kelly Cristina do Nascimento⁵, Benedito Medrado⁶, Renata Cristina Beltrão de Lima⁷, Betânia da Mata Ribeiro Gomes⁸

Abstract

Understand sex workers' views on the types of violence against women and machismo. Applying the Mandala dos Saberes, a Popular Education tool, facilitates the student's work in implementing health education, rights, and citizenship, therapeutic listening, nursing consultation, health promotion, prevention, and protection. The activities took place in 2022, through extension actions, promoting the improvement of the methodological process in a participatory way, with the participation of undergraduate and postgraduate students together with the interlocutors of the study. The Popular Health Education activity, through the Mandala dos Saberes, is anchored in the theoretical and philosophical references learned from Paulo Freire's pedagogical method of adult education. It favored interactive participation between the student facilitators and the participants, helping to deepen their knowledge of the types of violence against women and machismo. The Mandala of Knowledge provided the group with an exchange of knowledge, bringing together academic and empirical knowledge in a light and enlightening way. These activities also encourage interest in research into the instruments used and allow for a holistic approach to caring for this highly vulnerable population.

Keywords

Mandala. Violence against women. Nursing

⁵ PhD student in Nursing at the Faculty of Nursing Nossa Senhora das Graças, University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil; professor of the Postgraduate Program in Mental Health, State University of Health Sciences of Alagoas, State of Alagoas, Brazil. E-mail: kelymentalwork@gmail.com.

⁶ PhD in Social Psychology, Pontifical Catholic University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil, with a sandwich period at the Universitat Autònoma de Barcelona, Spain, where he completed his postdoctoral internship; full professor at the Department of Psychology, Federal University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil; coordinator of the Feminist Research Center on Gender and Masculinities (GEMA/CNPq). E-mail: benedito.dantas@ufpe.br.

⁷ Graduated in Nursing at the Faculty of Nursing Nossa Senhora das Graças, University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil; member of the Research Group on Studies and Research in Nursing in the Promotion of Health of Vulnerable Populations (GEPEV); nurse in Hospital Epidemiological Surveillance at the Real Hospital Português de Beneficência, State of Pernambuco, Brazil. E-mail: renatabeltraolima@gmail.com.

⁸ PhD in Nursing from the Ribeirão Preto School of Nursing, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; associate professor and director of the Nossa Senhora das Graças School of Nursing, University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil; leader of the Research Group on Studies and Research in Nursing in the Promotion of Health of Vulnerable Populations (GEPEV/CNPq). E-mail: betania.mata@upe.br.

Introdução

Uma em cada três mulheres nas Américas sofre violência física e/ou sexual durante sua vida, de acordo com dados de 2021 da Organização Mundial da Saúde (OMS). A violência por parte de parceiros íntimos é a forma mais comum de violência contra as mulheres, e estima-se que até 66 milhões de mulheres e meninas a tenham vivenciado na região. Nesse sentido, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) pede uma melhor resposta dos serviços de saúde à violência contra as mulheres (OPAS, 2022).

Se as mulheres que trabalham em casa, cuidando de seus filhos e do lar, e aquelas que exercem outras profissões sofrem violência, as mulheres trabalhadoras sexuais (TS) enfrentam vulnerabilidade social em ainda mais aspectos, no que tange ao ser mulher em uma sociedade machista e patriarcal. É impossível desvincular a violência vivenciada pelas TS da violência sofrida pelas mulheres na sociedade. Além disso, o fato de exercerem uma profissão marginalizada e de estarem expostas a vários tipos de violência no exercício de seu ofício as torna alvos fáceis (Lima *et al.*, 2017; Smaniotto, 2018).

A violência de gênero é reconhecida e discutida há décadas como um problema global de saúde pública e de direitos humanos, gerando altas taxas de morbidade e mortalidade entre as mulheres em todo o mundo. A violência contra as mulheres trabalhadoras sexuais não está desvinculada da violência contra as mulheres em geral, sendo ancorada, sobretudo, na desigualdade de gênero. Destacam-se o patriarcado, as relações de poder e as construções hierárquicas de masculinidade e feminilidade como os principais motores desse problema predominante e generalizado (Lima *et al.*, 2017).

Apesar de as trabalhadoras sexuais terem conquistado sua profissão incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) pelo Ministério do Trabalho e Emprego, os direitos delas ainda não são garantidos pela Justiça do Trabalho, que não reconhece a relação de emprego no exercício da profissão nos locais onde prestam serviços (CBO, 2010). Isso deixa essas mulheres desamparadas pela lei e expostas à exploração (Abal, 2017).

Contudo, em alguma medida, a Lei Maria da Penha, aprovada em 2006, age como um dispositivo de poder, considerado um grande marco, que define as formas de violência contra a mulher, sendo estas: física, caracterizada como qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal da mulher, como espancamento, lesões com objetos cortantes, sufocamento, arremesso de objetos, ferimentos causados por arma de fogo, entre outros; psicológica, qualquer conduta que cause danos emocionais e diminuição da autoestima, prejudique e perturbe o pleno

desenvolvimento da mulher, ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, como ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insultos, chantagens, entre outros; a violência moral, que compreende qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria, como expor a vida íntima, acusar a mulher de traição, desvalorizá-la pela forma de se vestir, rebaixá-la por meio de xingamentos, entre outros; a violência sexual, que envolve qualquer conduta que constranja a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força, por exemplo: estupro, impedir o uso de métodos contraceptivos, obrigar a mulher a realizar atos sexuais que causem desconforto, entre outros; e, por fim, a violência patrimonial, que se configura pela retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores, direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades, por exemplo: controlar o dinheiro, deixar de pagar a pensão alimentícia, estelionato, causar danos propositais a objetos, entre outros (Brasil, 2006).

No tocante aos tipos de violência apresentados, a violência sexual faz parte de uma grande margem da violência contra a mulher e necessita ser relatada, pois se encontra no protocolo de cuidados integrais à saúde da mulher, mas que infelizmente ainda tem sido um tema velado entre os profissionais de saúde, por ser confundido com sexualidade. A vida sexual da mulher sempre foi um ponto negligenciado, diferente da vida sexual masculina, o que leva ao principal ponto: o tabu que cerca as mulheres trabalhadoras sexuais (Silva *et al.*, 2024).

Para alcançar um cuidado integral à saúde, é necessário compreender como os profissionais de saúde acolhem e atendem as TS, mulheres vítimas de violência, que apesar dos avanços nas legislações voltadas à saúde do trabalhador e das propostas diferenciadas de práticas de cuidado, os modelos de atenção ainda são voltados para condutas biocêntricas, sem abertura ou olhar para diferentes profissões, como as das TS (Justino *et al.*, 2024).

Este trabalho foi construído a partir da solicitação das TS aos extensionistas do Projeto de Educação Popular Mandala dos Saberes, com o objetivo de dialogar acerca da violência contra a mulher e o papel dos profissionais de saúde do trabalhador na atenção a essas trabalhadoras. Dissertar sobre a percepção que cada trabalhadora sexual tem dos tipos de violência contra a mulher vividos em casa, na rua e no ambiente laboral, bem como sobre o acolhimento oferecido pelos profissionais de saúde, foi uma experiência desafiadora tanto para os extensionistas quanto para as participantes.

O empoderamento das TS e o reconhecimento da efetividade no processo de compreensão e aprendizagem são baseados na utilização de instrumentos de metodologias ativas, como a Educação Popular, por meio da Mandala dos Saberes, que funciona como uma ferramenta de comunicação acessível tanto para quem a aplica quanto para os demais participantes. O compartilhamento de experiências e conhecimentos é fundamental para a formação do enfermeiro, permitindo a superação do modelo biomédico, que não abre espaço para um cuidado holístico, principalmente quando se trata de uma população tão vulnerável e negligenciada pelo sistema (Pinho, 2012; Mângia, 2008; Pertussatti, 2018).

Roda de conversa: o conhecimento e o conhecer, um intercâmbio de saberes

Como dialogar e interagir com os extensionistas sem sermos prescritivos? Como ouvir as necessidades, dúvidas, demandas e críticas compreendendo seus percursos de conhecimento e suas formas de significar o mundo, sem definir rótulos, padrões, enquadramentos e estereótipos? Como, no sentido inverso, compreender suas diferenças sem um elogio à diversidade que esteja desprovido de uma reflexão sobre as tensões, tabus, preconceitos e opressões existentes e comuns a esses extensionistas? Estes têm sido alguns dos desafios enfrentados por esse grupo (Bezerra *et al.*, 2023).

É na roda que o conhecimento e o saber proporcionam um intercâmbio de saberes. Para Freire, o conhecimento é inacabado; quando o sujeito se percebe como um ser em construção, ele aprende a aprender. O ato de conhecer é um processo; é por meio da percepção que se realiza a construção do conhecimento. Somos incompletos e inacabados, formando um pedaço no mundo (Freire, 1986).

Mandala dos Saberes: a educação popular em ação

A Mandala dos Saberes surgiu a partir da necessidade de realizar rodas de conversa com populações vulneráveis que, muitas vezes, não sabem ler nem escrever, como pessoas em situação de rua, usuários de drogas, trabalhadoras sexuais, usuários de serviços de saúde, além de associações e ONG.

O Brasil, com uma desigualdade social gritante e graves problemas educacionais, conta com Paulo Freire, um intelectual à frente de seu tempo, que deixou um legado sempre atual. A beleza do pensamento freireano reside na consideração de que todos, independente de classe

social, cor ou credo, têm cultura. Freire sempre viu a educação a partir da reflexão sobre o ser humano, e o desafio de aprender para ser. A educação popular não pode ser confundida com a educação do povo; ela se dá com e para as classes populares, visando torná-las autônomas e ativas na escolha de seu futuro, e não apenas detentoras de um saber não valorizado, excluídas do conhecimento historicamente institucionalizado pela sociedade (Freire, 2014).

A Mandala dos Saberes é composta por imagens e/ou objetos relacionados à temática solicitada pela população participante. Neste trabalho, as trabalhadoras sexuais solicitaram uma mandala sobre a violência contra a mulher e suas consequências na saúde, no trabalho e na família. Foi possível captar, por meio das imagens colocadas no centro da mandala, o intuito de identificar os tipos de violência que acometem as mulheres e como realizar intervenções educativas e de saúde. Desse modo, é importante conhecer o amparo legal já existente (Nascimento *et al.*, 2020).

Nessa direção, a atividade educativa de extensão acontece por meio da observação focalizada nos oito pilares que constituem a Mandala dos Saberes, a saber: o **ancestral**, relacionado aos conhecimentos que são transmitidos de pai para filho, de geração em geração, a partir das culturas indígena, africana e afro-brasileira, preservadas por meio de costumes, ritos e práticas em respeito aos antepassados. O saber **presente** se refere a toda a dinâmica e aos tipos de manifestações pelas quais a vida se apresenta na atualidade: muito viva, sempre em transformação, atenta aos caminhos que podem elevar o espírito humano e seu comportamento na relação com o outro e com o universo. O **intuitivo** é algo tão envolvente que sua compreensão, em toda a sua amplitude, ultrapassa os momentos de pergunta e resposta, envolvendo sentimentos e emoções como expressões da própria vida. Quanto ao saber **espiritual**, está intimamente ligado ao saber ancestral, mas diz respeito à força interior de cada pessoa, ao seu poder de introspecção, confiança, entusiasmo e fé. Expressado pela religiosidade, seja por louvores a Deus, aos Orixás e à vida, além da crença nas potencialidades de si mesmo e no trabalho/ofício. O saber **cultural** diz respeito às manifestações que cada ser humano tem por meio de seu habitat, sua criação e sua cultura. O **histórico** está relacionado às vivências dos demais saberes, registrados no tempo e no espaço. Quanto ao saber **humano**, se refere às buscas existenciais de cada pessoa, dentro ou fora de sua comunidade e de seu convívio, primordialmente no respeito às diversidades existentes em toda a sua vida. E, por fim, mas não menos importante, o saber **popular** é a manifestação máxima do conhecimento, que se torna acessível a todas as pessoas que desejam compartilhar esse intercâmbio de troca de saberes em

busca de qualidade de vida nos âmbitos da saúde, educacional, cultural, esportivo, de lazer, terapêutico, folclórico, profissional, entre outros (Pertussatti, 2017).

A importância e significado do uso de imagens e objetos no centro da mandala

O uso de imagens, figuras e objetos representativos de uma determinada temática se configura como uma tecnologia leve, uma vez que condensam em si as relações de interação e subjetividade, possibilitando dar vez e voz aos participantes, além de produzir conhecimento, diálogo, acolhimento, vínculo, responsabilização e autonomização. Dessa forma, são evidenciados o diálogo e a consolidação da educação popular por meio de imagens, figuras e objetos no vínculo entre os estudantes, profissionais de saúde e as participantes (Lyra, 2021).

É importante destacar que, ao realizar tal ação na disposição de todos sentados em círculo e a partir do uso de imagens, figuras, símbolos, objetos e panfletos explicativos, objetiva-se demonstrar aos extensionistas e às participantes que não existe uma hierarquia vertical ou níveis de importância entre educador e educando, mas um conhecimento horizontal entre a Academia e a sabedoria empírica dos participantes. Ambos são importantes e necessários no processo de ensino-aprendizagem, uma questão levantada durante a ação. Foi esclarecido aos extensionistas que o nível de conhecimento de duas pessoas nunca é igual, mas esses conhecimentos se complementam por meio do diálogo, empatia e escuta efetiva (Fernandes, 2016).

Diante do exposto, o presente estudo buscou compreender a visão das TS acerca dos tipos de violência contra a mulher, por meio da Mandala dos Saberes, um instrumento utilizado na Educação Popular como metodologia ativa, que busca dar vez e voz aos participantes, bem como destacar a importância da atuação do discente na implementação da educação em saúde, na consulta de enfermagem e na promoção e proteção à saúde em relação à violência contra a mulher (Hermida *et al.*, 2015).

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, no contexto das ações do projeto de extensão intitulado Mandala dos Saberes, realizado por estudantes da graduação e pós-graduação em Enfermagem da Universidade de Pernambuco (UPE), dentre as atividades de extensão do referido projeto, esta foi sobre a visão das TS acerca da violência contra a mulher

e a percepção delas sobre o acolhimento pelos profissionais de saúde. Como uma ferramenta proveniente da educação popular, com a seguinte temática: “Violência contra a mulher na visão das trabalhadoras sexuais”, realizado em agosto de 2022. Este trabalho faz parte de um projeto maior, intitulado “Vulnerabilidades e Agravos à Saúde da Trabalhadora Sexual Decorrentes de Sua Ocupação Laboral, a partir da Perspectiva de Familiares”. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UPE sob nº CAAE 56046322.30000.5192.

Na perspectiva dialógica, empregando estratégias de ensino como rodas de conversa e escuta ativa, que se deram por meio de imagens presentes na Mandala dos Saberes, a partir da interação entre as participantes, no cenário utilizado na intervenção, a roda de conversa e a escuta ativa permitiram a horizontalidade das ações, possibilitando uma maior aproximação das TS com as discentes na troca de saberes e experiências. Participaram oito mulheres identificadas por codinomes de flor, a fim de preservar a identidade.

As atividades de Educação Popular em Saúde aconteceram em três momentos, considerando a investigação temática, a tematização e a problematização por meio de uma metodologia ativa em situações nas quais o tema relacionado com a vida junto às interlocutoras do estudo, ou seja, um cenário real, para que a construção do conhecimento ocorresse a partir da vivência de experiências significativas.

Resultados

No primeiro momento, foi feita a apresentação individual das discentes e das TS participantes. Assim, cada participante teve a oportunidade de se apresentar dizendo seu nome, fictício ou verdadeiro, se era casada, se tinha filhos e quantos anos tinha de profissão, conforme pode ser apreciado na citação de alguns trechos de fala.

Azaleia: Sou casada, tenho cinco filhos, cada um de um pai, todos são casados, trabalham, estudam.

Tulipa: Estou enrolada, não posso falar, mas estou feliz assim, tenho quatro filhos, dois moram comigo e dois com o pai.

Rosa: Eu já sou avó, tive seis filhos, estão pelo mundo, todos adultos, vivendo suas vidas, só não quero que se metam na minha.

Jasmim: Não tenho filhos, tive alguns abortos espontâneos, não posso ter filhos, mas ajudo a criar meus sobrinhos.

Na Mandala dos Saberes, todos são participantes, e devem ser percebidos como sujeitos autônomos com potencialidades e jamais como submissos, inferiores ou incapazes. Cabe a quem conduz a mandala propiciar o espaço do diálogo e da escuta com a participação espontânea de todos, respeitando as individualidades e possibilitando a troca das experiências, de modo que ensina e aprende com o grupo.

No segundo momento, a partir da Metodologia ativa intitulada “aprendendo com todas”, a Mandala dos Saberes, conforme a Figura 1, representada por um tecido com cores fortes, podendo ser azul, amarelo, vermelho, verde, entre outras, no formato de círculo, composto por oito pilares: ancestral, presente, intuitivo, espiritual, cultural, histórico, humano e popular. Foram colocadas imagens representando os tipos de violência: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, além de informações sobre onde buscar ajuda e o telefone para acionar a Patrulha Maria da Penha.

Figura 1 – Mandala dos Saberes com a temática de violência contra a mulher na visão das trabalhadoras sexuais



Fonte: Os autores (2022).

Durante a interação com todas as participantes, observou-se que elas se mostravam ávidas para falar de cada pilar, atentas e interessadas, fazendo perguntas e pedindo para as estudantes pararem várias vezes em determinadas imagens relacionadas aos tipos de famílias, gênero e violências representadas na Mandala dos Saberes. Algumas imagens dos oito pilares despertavam memórias de sofrimentos vividos por elas, por amigas ou parentes, o que gerou relatos como estes:

Azaleia: O Ancestral são nossos pais e avós, né? As mulheres da minha família no passado, acredito que todas sofreram algum tipo de violência contra a mulher, pois todas eram sustentadas pelos maridos. A minha geração quebrou isso aí. Sou eu que sustento a minha família e mantenho a minha casa com a minha profissão.

Margarida: O presente mudou muito, atualmente temos vez e voz para deixar claro que não é não e denunciarmos! Mas mesmo com tantas leis, modernidades, tecnologias, aplicativos em celulares para a mulher pedir ajuda e ou denunciar, ainda há muitas mulheres que se expõem, se submetem a isso, principalmente as mulheres do interior que seus maridos é o mantenedor.

Jasmim: O meu histórico: eu sofri violência doméstica pelo meu pai e companheiro, fui abusada sexualmente por um primo, fiz alguns abortos, já apanhei de clientes. Gente, a violência contra a mulher está enraizada pelo machismo, acho que nunca vai deixar de existir.

Lavanda: Relacionado ao humano, cabe a cada uma de nós se empoderar, se fortalecer, não aceitar nenhuma forma de violência e, sobretudo, denunciar, não abaixar a cabeça. E educar, orientar as nossas filhas, netas, sobrinhas, irmãs, amigas para não aceitar nenhuma forma de violência e denunciar.

Os discursos resgatam e aparecem, como uma crítica em situações de violência e de vulnerabilidade, as TS buscam autonomia para organizar sua luta política e diminuir os contextos em que há violação de direitos. A fala de Lavanda dá pistas exatamente nessa questão em que se abre um leque de reflexões e demandas sobre vulnerabilidade, violência e mulher.

O terceiro momento envolve a questão *O que ficou em mim?* Para saber se as TS compreenderam o que foi exposto, pedimos que cada uma se sentisse à vontade para expressar o que essa experiência deixou em cada participante. Algumas expressaram que agora sabem seus direitos como mulheres e como podem buscar ajuda. Como elas gostariam de ser tratadas, abordadas e encaminhadas pelos profissionais e estudantes da área de saúde em relação a essa temática.

Margarida: Se uma mulher que tem outra profissão ou é só dona de casa, fica em casa balançando menino, apanha do marido, já é julgada, criticada e condenada porque não deixa esse homem que bate nela, imagina nós que atendemos, em média, 5 a 8 clientes por dia para fazer sexo.

Tulipa: Temos que nos orgulhar de sermos mulheres e do nosso estado. Maria da Penha é cearense, de Fortaleza, ela é farmacêutica, uma mulher com nível superior, estudada, e sofreu o que sofreu, até tiro levou de seu ex-marido, temos que lutar e denunciar, ir até o fim com o agressor, não podemos abaixar a cabeça.

Relacionado o entendimento acerca dos tipos de violência contra a mulher, as participantes relataram algum conhecimento e experiência própria.

Alfazema: Alguém, quando pratica a violência física a uma mulher, não importa se é filho, marido, vizinho... a mulher se sente machucada, humilhada, muitas vezes sem coragem de denunciar. E muitas vezes até os profissionais de saúde zombam dessa situação.

Lavanda: Violência psicológica, eu acho que os profissionais de saúde não estão preparados para atender a nós trabalhadoras sexuais, eles são preconceituosos, até mesmo no CAPS, que seria para nos acolher, eu tenho depressão, eles sabem que sou profissional do sexo, aí ainda diz que estou assim por causa da minha profissão, isso é um julgamento ou não é?

Tulipa: Violência sexual, este tipo de violência é a mais frequente em nossa profissão, pode até alguém aqui da roda discordar, mas quem aqui já não foi violentada sexualmente?

Rosa: Violência patrimonial, eu tive um relacionamento onde sofri este tipo de violência, ele usava meu cartão de crédito, tinha a minha senha, e fez dívidas, financiou um carro usado, meu nome ficou sujo, ainda estou limpando meu nome.

A mulher no mercado de trabalho se depara com estresse, assédio moral, assédio sexual, salários defasados, acidentes de trabalho, doenças ocupacionais, catástrofes ambientais, pandemias e o aumento das doenças crônicas, situações que exigem dos profissionais de saúde uma postura resolutiva, crítica, criativa, humana e comprometida com a saúde individual e coletiva, além da capacidade de atender a todas essas demandas em sua complexidade, independentemente de onde atuem.

Diante do exposto, o discente que atua na saúde do trabalhador precisa compreender o trabalhador em sua totalidade, estar preparado para resolver os problemas que são de sua competência e desenvolver ações educativas para promover a saúde e prevenir doenças, visando a qualidade de vida desse trabalhador (Castro *et al.*, 2022).

Discussão

Verificou-se, pela percepção das mulheres durante o diálogo, que a maioria já sofreu algum tipo de violência. Ademais, identificou-se uma preocupação em denunciar a violência sexual presente no ambiente laboral ao longo de décadas de profissão, visto que se trata de uma violência que, muitas vezes, ocorre durante o desempenho da função, frequentemente sob o uso de álcool e em um momento de vulnerabilidade das mulheres. Os clientes podem recusar o uso de preservativos e, quando elas insistem em só atendê-los com preservativos, isso é visto como uma afronta. Entretanto, muitas mulheres carregam, ao longo da vida, as marcas da violência, lidando com traumas psicológicos e físicos.

Por outro lado, vale a pena pontuar que a violência não atinge somente a mulher, mas o seu lar, a sua relação com os filhos, os profissionais de saúde que fazem juízo de valor sobre a profissão dessa mulher, ou, muitas vezes, o cliente do bar que a ameaça. A violência apresenta, portanto, um efeito multiplicador, naturalizado e invisível para a sociedade. Desse modo, ao não denunciar as situações de violência, a mulher permanece no mundo da submissão, interno e reprodutor, fruto da ideologia patriarcal, resultando na sacralização da maternidade e na lei do silêncio.

As mulheres, independente de profissão, escolaridade, classe econômica e raça/etnia, em uma sociedade patriarcal, estão sujeitas a sofrer violência, mas não de maneira indiferenciada. Se forem pobres, com pouco estudo, negras e periféricas, não apenas sofrem as violências de gênero como se tornam mais propensas a sofrer de outras formas, além de serem as que mais enfrentam dificuldades materiais para lidar com essas violações. Isso se deve ao fato de que, além de patriarcal, essa sociedade se organiza de forma racista e classista.

Portanto, a busca pelo cuidado e fortalecimento por meio da Educação Popular em Saúde e o compartilhamento de experiências pessoais são ferramentas para criar formas de diálogos, para diminuir os impactos das violências e fortalecer o empoderamento das mulheres. Por fim, o presente estudo não busca encerrar as discussões a respeito da violência contra as mulheres, sobretudo porque não foram utilizados mecanismos mais robustos de análise estatística. No entanto, os resultados apresentados aqui já representam importantes avanços, principalmente para direcionar melhor os recursos e aumentar a eficiência das políticas públicas no setor.

Limitações

O estudo indica as invisibilidades das temáticas em artigos sobre violência contra a mulher e o acolhimento das trabalhadoras sexuais pelos profissionais de saúde. A duração da atividade não foi suficiente para que todas as participantes e extensionistas pudessem dialogar de forma aprofundada. O local onde a atividade foi realizada era barulhento e tinha movimentação de pessoas entrando e saindo, o que interrompia a atividade.

Considerações finais

A partir dessa atividade de extensão, as extensionistas de Enfermagem tiveram a possibilidade de pôr em prática a Mandala dos Saberes como uma ferramenta para transmitir o conhecimento de maneira leve e esclarecedora às TS sobre os tipos de violência contra as mulheres. Os conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação foram muito úteis para a aplicação da educação em saúde neste grupo de mulheres visitadas. A partir da Mandala dos Saberes há a possibilidade de aprimorar as atividades de cuidado de enfermagem de forma clara, além de oportunizar a interação entre as participantes, estudantes e os profissionais de saúde.

É importante ressaltar que há um número considerável de mulheres que sofrem violências todos os dias. Infelizmente, o modelo biomédico tradicionalista predominante não abre espaço para essa discussão ou a aplicação/continuação dessas metodologias as mulheres TS, no sentido de abordar mais sobre o álcool, um dos maiores causadores de violência doméstica, assim como o uso de drogas ilícitas, outro fator desencadeador de violência contra a mulher, e o desemprego de seus companheiros, que as exploram.

Não podemos deixar de observar que a baixa escolaridade também agrava a ocorrência de violência entre as mulheres participantes. Vê-se, contudo, que as trabalhadoras sexuais enfrentam, em seu dia a dia, diversos tipos de violência como racismo, machismo, feminicídio, gordofobia, transfobia, lesbofobia e xenofobia. Elas vivem em um sistema de isolamento social e político que pode contribuir para a reprodução de mecanismos mais complexos de violência, impedindo-as de se manifestarem de forma mais autônoma.

Referências

ABAL, F. C.; SCHROEDER, P. S. Prostituição, estigma e marginalização: o reconhecimento do vínculo de emprego das profissionais do sexo. **Espaço Jurídico**, Chapecó, v. 18, n. 2, p. 509-524, 2017. DOI 10.18593/ej.7695. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/espacojuridico/article/view/7695>. Acesso em: 27 nov. 2024.

BEZERRA, I. N. M. *et al.* A extensão universitária na promoção à saúde: projeto Saúde em Foco. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 22, n. 2, p. 361-373, 2023. DOI 10.14393/REP-2023-68179. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/68179>. Acesso em: 5 abr. 2024.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO-2010**. 3. ed. Brasília: MTE; SPPE, 2010. v. 3.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e

Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 27 nov. 2024.

CASTRO, G. O.; BARREIRO, C. B. Educação popular: as pesquisas sobre cursos pré-vestibulares populares e seus educadores. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, p. 236-254, 2022. DOI 10.14393/REP-2022-66619. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/66619>. Acesso em: 4 abr. 2024.

FERNANDES, K. J. S. S. *et al.* Relato de experiência: vivências de extensão na comunidade. **Rev. Ciênc. Ext.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 97-104, 2016. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1205/0. Acesso em: 27 nov. 2024.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. (org.). **Pesquisa participante**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 34-41.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

HERMIDA, P. M. V.; BARBOSA, S. S.; HEIDEMANN, I. T. S. B. Metodologia ativa de ensino na formação do enfermeiro: inovação na atenção básica. **Rev. Enferm. UFSM**, v. 5, n. 4, p. 683-691, 2015. DOI: 10.5902/2179769216920. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/16920>. Acesso em: 15 maio 2024.

JUSTINO, G. B. S. *et al.* Sobre todas as flores: educação popular em saúde e autonomia em saúde sexual no climatério/menopausa. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 1-21, 2024. DOI 10.14393/REP-2023-68850. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/68850>. Acesso em: 4 abr. 2024.

LIMA, F. S. S. *et al.* Fatores associados à violência contra mulheres profissionais do sexo de dez cidades brasileiras. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 1-16, 2017. DOI 10.1590/0102-311X00157815. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/kPNz37sbVqyn7rSjTHRKhSB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2024.

LYRA, L. Da mandala terapêutica à mandala dramatúrgica: epístola à Dra. Nise. **Junguiana**, São Paulo, v. 39, n. 2, jul./dez. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000200003. Acesso em: 27 nov. 2024.

MÂNGIA, E. F.; MURAMOTO, M. T. Itinerários terapêuticos e construção de projetos terapêuticos cuidadores. **Rev. Ter. Ocup. Univ.**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 176-182, 2008. DOI 10.11606/issn.2238-6149.v19i3p176-182. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/14045>. Acesso em: 27 nov. 2024.

NASCIMENTO, K. C. *et al.* Mandala dos saberes e a sexualidade da mulher idosa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO ENVELHECIMENTO, 7., 2020, Campina Grande. **Anais [...]** Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/73534>. Acesso em: 27 nov. 2024.

OPAS. **Opas pede uma melhor resposta dos serviços de saúde à violência contra mulheres**. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/30-11-2022-opas-pede-uma-melhor-resposta-dos-servicos-saude-violencia-contramulheres>. Acesso em: 5 abr. 2024.

PERTUSSATTI, M. Capoeira: diálogo de saberes como possibilidade de valorização da identidade afro-brasileira e do patrimônio imaterial. **RELACult**, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 3, 2017. DOI 10.23899/relacult.v3i3.518. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/518>. Acesso em: 27 nov. 2024.

PERTUSSATTI, M. **Na roda do conhecimento**: entre saberes da capoeira e os saberes da escola. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2237/1/PERTUSSATTI.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

PINHO, P. A.; PEREIRA, P. P. G. Itinerários terapêuticos: trajetórias entrecruzadas na busca por cuidados. **Interface**, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 435-447, 2012. DOI 10.1590/S1414-32832012005000026. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/S9dWxqvLmBJWjZRZCnMDdvF/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

SILVA, N. K.; LIMA, G. M.; SILVA, J. M. Educação popular em saúde sexual e reprodutiva: relato de experiência de um projeto de extensão universitária em promoção da saúde da mulher. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 271–282, 2024. DOI 10.14393/REP-2023-69032. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/69032>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SMANIOTTO GEHLEN, R. G. *et al.* Situações de vulnerabilidade à violência vivenciadas por mulheres profissionais do sexo: estudo de caso. **Ciencia y Enfermeria**, Recife, v. 24, n. 8, p. 1-12, 2018. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=370457444008>. Acesso em: 27 nov. 2024.

Submetido em 15 de abril de 2024.

Aprovado em 25 de agosto de 2024.